



Foto: Luiz Assunção

Uma vida entre engenhos e congos Mestre Tião Oleiro

Entrevistado por Luiz Assunção (UFRN)

Sebastião João da Rocha, Mestre Tião Oleiro, nascido a 14 de maio de 1914, brincante da cultura popular potiguar, agricultor, trabalhador de engenhos e usinas de cana de açúcar, residente na comunidade de Taboão, a 8 km da sede do município Ceará Mirim, estado do Rio Grande do Norte. Em 1934 organizou o grupo Congos de Guerra e desde então é o responsável e um dos principais divulgador da tradição dos congos no estado. Mestre Tião Oleiro é Patrimônio Vivo do RN, conforme lei estadual de promoção da cultura popular potiguar. No ano em que completou 100 anos de idade, recebeu do governo brasileiro a Ordem do Mérito Cultural 2014, o mais importante prêmio concedido a personalidades que se distinguiram por suas relevantes contribuições a cultura brasileira.

A congada é um auto que apresenta elementos temáticos africanos e ibéricos, supostamente originado das cerimônias de coroação de reis e rainhas negros, anualmente escolhidos pelos escravos. Difundido no país, desde o século XVII, a variante potiguar dos congos, conta a história da luta entre as forças do

embaixador da rainha Ginga de Angola contra o rei Dom Henrique Cariongo, seu irmão. A embaixada, cujo objetivo é o trânsito de tropas da rainha pelas terras do rei Cariongo, resulta a morte do príncipe Sueno, filho do Rei. A dramatização desse episódio transcorre entre canto, dança e simulacros guerreiros de espadas. Atualmente três grupos estão atuando no estado, os congos de guerra do mestre Tião Oleiro; os congos de saio, em São Gonçalo do Amarante e os congos de calçolas, na praia de Ponta Negra.

Conheci o mestre Tião Oleiro em 2003, a convite dos professores Gibson Machado Alves e Helenita Nakamura, com os quais compartilhei um dia de sábado na casa do referido mestre, ouvindo-o falar de sua história, apresentar os companheiros de lida, cantar trechos de algumas jornadas, ensaiar passos, tocar o fole e, no final da tarde, botar a brincadeira no terreiro, em frente de sua residência. Em 2006, voltei a sua casa, novamente em companhia do professor Gibson, e, dessa vez, com a missão de realizar uma entrevista com o mestre dos Congos de Guerra. Conversamos longas horas e esta tarde de conversa, contou também com a participação do brincante seu José Baracho, na época com 79 anos de idade. Grande parte dos ensinamentos dos mestres foi gravada em duas fitas k7, posteriormente transcrita, que ao somar-se a algumas referências bibliográficas, proporciona uma leitura sobre a história de vida do Mestre Tião, em especial, o entrelaçamento da vida e brincadeira, que faz peculiar a existência desse homem-mestre.

INFÂNCIA:

Nasceu no dia 14 de maio de 1914, no sítio Capivara, povoado de Camaragipe, município de Taipu, atualmente Ielmo Marinho-RN, porém a certidão de nascimento será efetuada anos depois, sendo registrado como nascido no município de Ceará Mirim-RN. Alguns meses após o nascimento de seu Tião, a família se transfere para o povoado de Laranjeiras, na zona rural do município de Ceará Mirim, onde o pai iria trabalhar no Engenho Guanabara. O engenho é o mundo de seu Tião; é onde passa a infância, como ele gosta de ressaltar; é onde ele constrói sua vida. Com seis anos de idade ajudava o pai no roçado. À medida que o tempo passava, foi circulando pelo engenho, entre conhecidos, amigos e parentes, trabalhadores e moradores da localidade. Acompanhava com o olhar todo o movimento do trabalho cotidiano da produção. Bebia do mel e, vez por outra, quando solicitado, prestava uma ajuda aos amigos. Assim foi aprendendo. Lembra que época de moagem no engenho era de muito trabalho e alegria. A espera para ver a fumaça aparecer na chaminé, confirmava que a produção estava em atividade e criava expectativas para as noites de festas que viriam. Com a idade de quinze anos já estava trabalhando no Engenho Guanabara, responsável pela tarefa de botar fogo na caldeira, trabalho de foguista, ofício também chamado de fogueiro, assumindo também outras atividades, como cortar cana, banqueiro, caldeiro. Trabalhou, ainda, na Usina Ilha Bela, o que lhe rendeu uma “prática boa”. A atividade era na caldeira, “às vezes quatro caldeiras de uma vez e assim passei três safras trabalhando na usina de Ubaldo Bezerra”.

BRINCANTE:

Na juventude confessa que era um rapaz que gostava muito de festas, “brincava em festa de pastoril, carnaval nos blocos da usina”. Aprendeu a tocar fole, depois sanfona, de “ouvido”, passando a tocar em bailes, principalmente nos bailes de pastoril, no povoado de Palmeiras. Lembra-se da primeira vez em que foi tocar fole em um baile; estava acompanhado de um amigo e “no meio da festa”, o amigo o deixou tocando sozinho e nunca mais parou. Continuou tocando nos bailes que aconteciam no povoado de Palmeiras, aos sábados, onde era realizado um Pastoril.

Seu Tião descreve como era esse tipo de festa: “esse Pastoril funcionava da seguinte maneira: as moças começavam a dançar, então o rapaz oferecia, na época, por exemplo, dez contos para dançar com uma moça escolhida. E aí outro passava doze contos para aquele parar de dançar. Assim no final da festa, o dinheiro recolhido era dividido com o sanfoneiro (no caso, seu Tião)”. Ressalta que tocou em muitos outros bailes nas diversas localidades do vale dos engenhos, “quando estes ainda eram vivos”.

O INÍCIO DA BRINCADEIRA DOS CONGOS:

O envolvimento de seu Tião com os congos tem seu início na brincadeira dos Congos de Saiote, dançado por seu pai, João José da Rocha (João Oleiro) e outros familiares. Seu Tião lembra que escutava seu pai falar que a brincadeira “chegou com Pedro Mascena, vindo de Fortaleza, por volta de 1900, que começou a brincar junto com meu pai e com Francisco Moreira e Mané Moreira, meus tios”. Continua lembrando: o início foi na Rua do Patu (atualmente General João Varela), em Ceará Mirim; esse congo era da época que veio de Angola. Esses congos antigos tinham jornadas, do mesmo jeito que as minhas. Eles não tinham a cultura de contar as histórias de nada, como era que vinham, só ia cantar e apresentar.

Meu pai lembrava que em 1912 brincaram muito, estrearam muito. Meu pai já cidadão de idade, me ensinava às passagens do congo como era, ele me ensinava à brincadeira, do começo ao fim. Até no roçado ele me ensinava, trabalhando, arranchado, ele dizia: essa jornada é assim e eu fazendo.

Esse negócio do congo já existia, era um congo de saia, os homens vestidos de casaca e saia e um capacete de papelão. Era roupa de mulher, um vestidão até o mocotó e um casaco, vestidão abotoado até o pescoço, com rosário no pescoço, voltas, contas de caboclos. Tinha maracá para acompanhar e o toque de rebeca. Eles tinham umas voltas muito bonitas, mas nós não quisemos.

Quando se refere à existência do congo, seu Tião está falando daqueles que brincavam nas outras comunidades do vale. Cada Engenho tinha uma brincadeira, como ele explicita. O Engenho Igarapé tinha um congo. Antigamente o responsável era Mané Machado, Mané Marinheiro. Lagoa Grande era Luiz Miguel. Na Usina São Francisco era Zé Felipe, Sebastião Vicente, Zé Elias, tudo em São Francisco; cada cá tinha o seu próprio. Na ribeira, do outro lado, um veio chamado João Baraúna, tinha um congo de saia. Tinha Olímpio Damião. Gravatá, Mangabeira, Cruzeiro. Cruzeiro tinha Chico Maturi e Oscar Umbelino. Gravatá tinha Júlio Tatá e João Baraúna. Mangabeira tinha um rapaz chamado Lira. Tudo foi congo, tudo brincava. Agora não tinha saída; brincava só na comunidade. Só para entreter.

A PRIMEIRA JORNADA:

A primeira jornada que aprendeu com o pai, seu Tião ainda se lembra. É chamada de “a chegada”, cantada no “congo velho”, o congo do seu pai. Segundo o mestre, chegava à entrada e dizia: vamos brincar que o campo é bonito e bom; o pessoal já está esperando.

Ô lê lê rôôôôô, Ô lê lê rôôôôô

Ô lê lê rôôôôô, Ô lê lê rôôôôô

A nau do meu monarca não se vende sem dinheiro

A nau do meu monarca não se vende sem dinheiro

Vamo para a Turquia, vai morrer prisioneiro

Vamo para a Turquia, vai morrer prisioneiro

Acorda alerta quem dorme na serena madrugada

Acorda alerta quem dorme na serena madrugada

Vamo vê nosso rei de Congo, general de nossa armada

Vamo vê nosso rei de Congo, general de nossa armada

A apresentação era marchando. Aí chegava todo mundo. O rei, a rainha, aí sentava. Quando terminava a jornada, dizia: Olá senhor, vamos meu secretário, vassalo (incentivava os participantes a brincarem as outras jornadas ou partes). Chamava uma, dançava; chamava outra, cantava outra, dançava. Depois de cantar a chegada, à noite tá liberada pra gente cantar o que precisar. A apresentação dos congos deve ser sempre iniciada na frente de uma igreja. Brincadeira de folclore católico, como justifica seu Tião.

BRINCANDO OS CONGOS DE GUERRA:

Em 1934 formou com alguns amigos os Congos de Guerra, inserindo novos elementos na brincadeira. Segundo seu Tião, convidei aqui na Fazenda Guanabara, dezoito companheiros, para fazer um congo, foi uma homenagem aos soldados mortos na revolução. Fizemos o congo de guerra em traje de marinheiro. As cantigas mudou uma porção delas e botou tudo o negócio da guerra. Passou a ser Congo de Guerra, inspirado na Revolução Constitucionalista, também conhecida como a Guerra de São Paulo, que ocorreu na década de 1930.

Fizemos a primeira festa apoiado por seu João Antônio da Cruz, o João da Cruz, pai de seu Paulo da Cruz; apoiado por seu Antônio Basílio, proprietário da Fazenda e Engenho Guanabara. Nós brincamos na biqueira do engenho e ele perguntava: que festa é aquela? É Tião Oleiro brincando o congo com os meninos. Foi apoiado por Seu João da Cruz, Joaquim Sobral, Manoel Sobral, Rafael Sobral. A finada Luci, a primeira mulher de seu Rafael. Joca Dantas e Seu Camélio. Tudinho me chamava para brincar na casa deles. Quando acabava de brincar, vamos tomar café, vamos comer, dizia, trás a negrada toda pra cá,

aquela folia. Brincava nos engenhos de Laranjeira, Guanabara, Cajazeira. O compadre Joaquim Sobral, os meninos brincavam a noite todinha num barracão que ele tinha.

Essa brincadeira da gente ficou numa grande altura. Quando chamavam nós pra brincar, nós ia num era por dinheiro não, era pela vontade da gente e a vontade dele. Ele dava uma gratificação a um de nós, ou um agrado, um carinho, uma conversa.

Lembra que antigamente para se brincar uma brincadeira dessa era preciso tirar uma ordem do delegado, mas tem saudade de um tempo em que os donos de engenhos promoviam festas com folgedos, pastoril, boi, congo. Sítios bons, onde se tirava o que comer. Todo esse patrimônio foi destruído.

Jornada antiga era a mesma coisa; não era do jeito que a gente faz hoje. Mudou o repertório, o negócio do Rosário, tudo tinha. O que mudou foi o ritmo das fardas. As jornadas que nós botemos para o Congo de Guerra, para compor o batalhão de guerra. No Congo de Saia tem nada que fale de mulher – Catarina minha nega, Carolina – a gente bota nos Congos de Guerra que tem mais diversão.

Na brincadeira dos congos, seu Tião conta com a fiel companhia de seu José Baracho, nascido em 1927 e que desde menino acompanha o velho mestre na luta para manter acesa a chama dos congos na região dos engenhos de Ceará Mirim.

A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO:

A primeira apresentação que nós fizemos, pedimos o senhor Ernesto Ribeiro Dantas, lá do Engenho Timbó. Nós fomos num domingo de tarde, só para limpar a igreja pro mode apresentar, porque tinha a obrigação de apresentar em frente à igreja. Nós tudo matuto, tivemos vergonha de pedir para ir pra festa na igreja de Ceará-Mirim. Assim nós fomos pedir a igreja do Timbó.

Chegamos lá no engenho velho, tava seu Ernesto com a família todinha e nós fumo pedir a igreja. Quando nós chegemos em Timbó, fomos uma trinca de oito, pra fazer a limpeza de frente da igreja. Logo chegando lá que eu pedi, ele disse: eu vou lhe dá tudo limpo, pode vir de noite que vai tá tudo limpo por minha conta. Assim mesmo ele fez. Quando arrumamos tudinho, o tocador era de violino e rabeça, morava em São Francisco, aí ele veio de lá pra cá, nesse tempo a viagem era tudo a pé. Isso era 1934. Chegando lá, cantemo nossas jornadas, bonita. Nesse tempo era todo mundo novo, garganta boa, cada cá querendo fazer bonito, para responder na voz. Quando chegemos de frente da igreja cantemos a louvação a Santa Cruz:

Ora e viva
Ora e viva
A quem viemos louvar
A igreja de São Pedro
Padroeiro do lugar

Essa brincadeira da gente ficou numa grande altura. Quando chamavam nós pra brincar, nós ia; num era por dinheiro não, era pela vontade da gente e a vontade dele. Ele dava uma gratificação a um de nós, ou um agrado, um carinho, uma conversa.

Hoje em dia nós num brinca muito. As condições num dá, a prefeitura promete uma coisa, num dá, nós nunca mais brinquemos. O camarada trabalha quebrando um galho, outro é aposentado, ganha pouco dinheiro, não da pra comprar uma roupa. Antes era tudo barato, a gente comprava com o dinheiro da gente mesmo.

JORNADAS:

No Congo tem rei, tem rainha, o mestre e o embaixador e o restante é marujo. As embaixadas tem um embaixador e o mestre. Ele tá acolá e eu tô aqui, pra nós discutir. São mais ou menos, assim, umas vinte, tem mais jornada. Tem a jornada da embaixada, a da prisão do mestre, a que o rei prende o embaixador. As outras são jornadas pra se cantar e dançar. Cada jornada tem um passo. Tem jornada que tem passo de marujo, passo de leme e tombo de marinheiro, remamento de canoa, cada cá tem um passo, um tom, a música tem tom. Cada cá tem sua cultura. A viola afina o tom. A voz robuluda, a voz baixa... Tudo isso é obrigado. O Congo, a jornada é a mesma coisa do cantador. O cantador de viola, o cabra pede um tom, ele canta do mesmo jeito. A música de jornada já existe. Dentro da toada de cada cantor, já existe.

EMBAIXADA:

As embaixadas têm um embaixador e o mestre. Ele tá acolá e eu tô aqui, pra nós discutir. Vou cantar a embaixada de Congo, do Congo de Guerra. Quando vai começar a guerra. O rei prende o embaixador. O rei fica sentado numa cadeira. A gente que faz tudo.

Lá vem, lá vem, o nosso embaixador
Alê, lê, lê
E vem a pé, também vem a cavalo
Alê, lê, lê
E vem a pé, também vem assentado
Alê, lê, lê
Ele vem todas as vez e os lugares
Alê, lê, lê
Ele vem pra cá para um de sua embaixada
Alê, lê, lê

Ô salve embaixador, vem falar com majestade
Se disser alguma coisa, sereis assassinado
Ô salve embaixador, vem falar com majestade
Se disser alguma coisa, sereis assassinado

Senhor não sou guerreiro, senhor rei nem sou guerreiro
Pra defender seu prisioneiro, em vosso pés eu me ajoelho
Teje preso embaixador, esse cruel assassino
Vem assassinar meu rei, mandado de rainha Ginga
Teje preso embaixador, esse cruel assassino
Vem assassinar meu rei, mandado de rainha Ginga

Ai não me mate, ó piedade
Deixe eu vê o plano da minha embaixada
Deixe eu vê o plano da minha embaixada

Entra e sobe embaixador, vai comigo e meu tesouro
Dou-te dois milhões de prata, dou-te dois milhão de ouro

Ó embaixador, esse cruel assassino
Vai assassinar meu rei, mandado de rainha Ginga
Vai assassinar meu rei, mandado de rainha Ginga

Preso os soldados, forte guerreiro, preso os soldados, forte guerreiro
Vai morrer no trono de prisioneiro, vai morrer no trono de prisioneiro

Seu Tião ressalta que no final sai todos cantando:

Queria nunca ser soldado de infantaria
Queria nunca ser soldado de infantaria
Quem tiver mulher e filho se despeça até quando
Quem tiver mulher e filho se despeça até quando

Henrique Escariongo é o senhor da fidalguia
Henrique Escariongo é o senhor da fidalguia
Ele foi quem nos mandou combater com a Turquia
Ele foi quem nos mandou combater com a Turquia

É fogo, é fogo, é fogo, é guerra, é guerra, é guerra
É fogo, é fogo, é fogo, é guerra, é guerra, é guerra
Quem tiver mulher e filho se despeça até quando
Quem tiver mulher e filho se despeça até quando

Henrique Escariongo é um homem falso e sem palavra
Henrique Escariongo é um homem falso e sem palavra
Que jurou de ir a França e o cativo acabava
Que jurou de ir a França e o cativo acabava

SOBRE A HISTÓRIA DO CONGO: “O REI É NÓS MESMO”.

A história da rainha vem do cativo, porque o congo toda vida era os negro cativo e quando os negros foram libertados, se soltaram e disseram que agora não vamos mais fazer conta do rei não, nós não tem mais reis, o rei é nós mesmo. Agora todo mundo é livre. Agora vamos brincar. Tem Catarina, tem Carolina. Não precisamos mais de rainha Ginga. Agora a rainha nós bota Carolina. O rei pensou que os negros atendiam a ele ainda, então, o rei vai e manda chamar eles. Nós num vamos não, nós vamos fazer um brinquedo pra nós brincar. E quando fizeram a brincadeira pra brincar, o rei pensava que podia e pegava a gritar: - ei fulano – e os negros respondiam: num tem nada com isso não, vamos não, vamos cantar a valsa:

Peixe pirá e a mumbica canário
Peixe pirá e a mumbica canário
Peixe pirá, quando meu rei me mandar
Pastorar passarinho, eu num fico sozinho
Num dô agasalho no ninho,
Mucambe, conheço o trabalho
É pesado de bamba

COREOGRAFIA:

Surgiu porque o pessoal tirava pela cantiga, tem que ser pela cantiga. Cada cantiga tem, cada jornada, cada passo tem um jeito de tirar. Cada cantiga tem um ritmo. Toda jornada tem a passada. A passada do Congo, toda pisada quem dá é a língua. Se o cabra não tiver a língua num pode dançar, porque ele não sabe cantar. Essa brincadeira tem muita jornada, agora cada uma tem um tom.

INDUMENTÁRIA

A roupa é uma calça, uma camisa, um gorro, que é de marinheiro, porque o congo mesmo preparado é bonito. É mesmo que um naval e a marinha, gola de marinheiro com aqueles ferros da marinha atrás e na frente, bonito. Toda vida foi um terno azul e vermelho. Branco, gola azul (o cordão azul) e o cordão encarnado, branco com a gola encarnada e o gorro branco. A mesma coisa do naval. As cores eram para defender. Tem o vermelho, tem o azul, pra diferenciar. Por que essa coisa do pastoril, da lapinha, tem o cordão vermelho e o azul. A mesma coisa é o Congo. É só para brincar.

MANUTENÇÃO DO GRUPO:

Depende da prefeitura. Às vezes dar o benefício, ajuda com a farda, outras vezes, não, depende da prefeitura. O grupo completo são vinte e quatro pessoas brincando, mais os músicos, ficam então trinta pessoas. Já fiz apresentação em que prometem pagar, vou lá uma vez, outra vez e não pagam.

FUTURO:

Antigamente era mais fácil, os homens velhos participavam, brincava mais eu. Hoje em dia tá mais difícil, tem muito esporte, capoeira, futebol, os meninos preferem o esporte. Eu luto pra juntar os meninos daqui. Muitos deles são da minha família. Eu vivo pra isso, pra trabalhar e lutar pela cultura brasileira. A ideia é completada por seu José Baracho: a gente faz uma brincadeira num lugar desse, o povo ver, ninguém dá valor. Os veios, aqueles que conhece a gente, chega a dá, mas essa rapaziada que num tá brincando, se pica numa coisa e outra. Agora lá fora nós brinquemos muito em Natal, lá no palácio dos esportes, no teatro. Conclui seu Tião: no futuro os congos vai terminar, por que eu vou deixar, não tem ninguém com condições de levar. Agora se tiver alguém que puder levar pra frente, pegar a primeira jornada do congo, pode ser que vá pra frente. O congo não é difícil, é só aprender a cantar e dançar. É uma brincadeira bonita, a brincadeira do Congo.

Ô pretinho de congo pra onde vai ?
Ô vamos pro Rosário, vamos festejar.
Mande meu pretinho, pretinho de Aguiar.
Ô vamos pro Rosário, vamos festejar.

Ô pretinho de congo pra onde vão ?
Ô vamos pro Rosário, festejar São João.
Manda meu pretinho com muita alegria.
Ô vamos pro Rosário, festejar Maria.

Pra onde vai, pra onde vão ?
Ô vamos pro Rosário, vamos festejar.
Ô pretinho de congo rei de Camundá.
Ô vamos pro Rosário, vamos festejar.

Manda meu pretinho, pra onde vão ?
Ô vamos pro Rosário, festejar São João.